

**MUITO MAIS QUE UM JOGO: TORCIDAS ATIVISTAS E A DEFESA COLETIVA
DE CAUSAS CONTENCIOSAS NO FUTEBOL**

***MUCHO MÁS QUE UN JUEGO: LAS AFICIONES ACTIVISTAS Y LA DEFENSA
COLECTIVA DE CAUSAS CONTENCIOSAS EN EL FÚTBOL***

***MUCH MORE THAN A GAME: ACTIVIST FOOTBALL FANS AND THE
COLLECTIVE DEFENSE OF CONTENTIOUS CAUSES IN FOOTBALL***



Gerson de Lima OLIVEIRA¹
e-mail: gersonoliveira@unipampa.edu.br



Matheus Mazzilli PEREIRA²
e-mail: matheus.mazzilli@ufrgs.br



Eduardo Georjão FERNANDES³
e-mail: eduardo.g.fernandes@gmail.com

Como referenciar este artigo:

OLIVEIRA, G. L.; PEREIRA, M. M.; FERNANDES, E. G. Muito mais que um jogo: Torcidas ativistas e a defesa coletiva de causas contenciosas no futebol. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, São Carlos, v. 33, n. 00, e024004, 2024. e-ISSN: 2236-0107. DOI: <https://doi.org/10.14244/tp.v33i00.1058>



| **Submetido em:** 07/07/2023
| **Revisões requeridas em:** 10/09/2023
| **Aprovado em:** 15/02/2024
| **Publicado em:** 17/04/2024

Editora: Profa. Dra. Simone Diniz
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal do Pampa (Unipampa), São Borja – RS – Brasil. Doutor e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor e pesquisador na Unipampa.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Doutor e Mestre em Sociologia (UFRGS). Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS.

³ Universidade Vila Velha (UVV), Vila Velha – ES – Brasil. Doutor e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (UVV).

RESUMO: Os recentes protestos das torcidas autodenominadas antifascistas têm ampliado a visibilidade das ações de caráter político promovidas por torcedores de futebol. Como definir conceitualmente tais ações de forma a diferenciá-las das demais atividades realizadas por torcidas de futebol? Nesse artigo, sugerimos que o conceito de “ativismo” definido como a defesa coletiva de causas contenciosas é uma chave analítica profícua para o estudo deste fenômeno. Em busca de evidências de ativismo junto a torcidas de futebol, realizamos uma revisão não sistemática da literatura sobre torcedores de futebol e política no Brasil e uma pesquisa empírica exploratória junto às torcidas a partir de um levantamento documental em mídias sociais e de entrevistas com seus membros. Os resultados indicaram a existência de tal fenômeno ao evidenciar que o futebol é um campo marcado por conflitos diversos em relação aos quais as “torcidas ativistas” têm agido coletivamente na defesa de causas contenciosas.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Torcidas. Ativismo. Movimentos sociais. Política.

RESUMEN: *Las recientes protestas de aficiones autodenominadas antifascistas em Brasil han aumentado la visibilidad de las acciones políticas promovidas por los aficionados al fútbol. ¿Cómo podemos definir conceptualmente tales acciones para diferenciarlas de otras actividades de aficiones de fútbol? En este artículo, sugerimos que el concepto de “activismo” definido como la defensa colectiva de causas contenciosas es una clave analítica relevante para el estudio de este fenómeno. En busca de evidencias de activismo entre las aficiones de fútbol, llevamos a cabo una revisión no sistemática de la literatura sobre los aficionados al fútbol y la política en Brasil y una investigación empírica exploratoria sobre las aficiones basada en una encuesta documental en las redes sociales y en entrevistas con sus miembros. Los resultados indicaran la existencia de tal fenómeno al mostrar que el fútbol es un campo marcado por diferentes conflictos en relación a los cuales las “aficiones activistas” han actuado colectivamente en defensa de causas contenciosas.*

PALABRAS CLAVE: Fútbol. Aficiones. Activismo. Movimientos sociales. Política.

ABSTRACT: *The recent protests of the so-called anti-fascist football fans have increased the visibility of political actions promoted by them. How can we conceptually define such actions to differentiate them from the other activities carried out by football fans? In this article we suggest that the concept of “activism” defined as the collective defense of contentious causes is a useful analytical key for studying this phenomenon. In search of evidence of activism among football fans, we carried out a non-systematic review of the literature on football fans and politics in Brazil and exploratory empirical research among football fan groups based on documentary research on social media and interviews with their members. The results indicated the existence of such a phenomenon by showing that football is a field marked by different conflicts in relation to which the “activist fans” have acted collectively in defense of contentious causes.*

KEYWORDS: Football. Football Fans. Activism. Social movements. Politics.

Introdução

Entre os meses de maio e junho de 2020, em meio à “primeira onda” da pandemia de Covid-19 no Brasil, uma disputa era travada nas ruas de diversas grandes cidades brasileiras. Apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, que protagonizavam uma série de protestos contra as políticas de isolamento social e a própria democracia, encontraram opositores até então inesperados, que buscavam ocupar as ruas em reação à extrema direita: torcidas organizadas de futebol. Sua principal motivação era a defesa da democracia (Souza, 2020). Como ressaltou um dos fundadores da torcida Gaviões da Fiel do Sport Club Corinthians Paulista em entrevista à BBC:

Fomos fundados na ditadura militar com o objetivo de fazer um movimento de dentro da torcida para dentro do clube para derrubar a ditadura que existia lá. Conseguimos isso nas eleições seguintes. A Gaviões sempre participou de campanhas políticas. O que a gente quer dizer dessa vez é que esses (manifestantes) contra a Constituição são minoria. A rua não é de vocês e vai ter luta (Souza, 2020).

Dois anos depois, torcidas de futebol novamente saíam do noticiário esportivo para ocupar as editorias políticas dos grandes veículos brasileiros. Semanas após as eleições que reconduziram Luiz Inácio Lula da Silva para um terceiro mandato presidencial, bloqueios de vias públicas eram realizados pelos apoiadores do agora candidato derrotado Jair Bolsonaro. Eles novamente encontraram em seu caminho as torcidas organizadas de futebol. Grupos de torcedores organizaram ações “fura-bloqueios” para interromper os atos de extrema-direita. Nesse caso, as motivações eram variadas. Ainda que alguns dos torcedores manifestassem críticas aos protestos bolsonaristas e a intenção de defender o resultado das eleições, outros justificaram suas ações de outra forma: queriam ver os jogos de seus times no Campeonato Brasileiro de Futebol. Como afirmou o líder da torcida Galoucura do Clube Atlético Mineiro (conhecido como “Galo”) em vídeo que teve ampla circulação nas redes sociais: “Nós vamos apagar tudo. Pode passar todo mundo. Nós vamos ver o jogo do Galo” (Torcidas organizadas..., 2022).

As interconexões entre futebol e ativismo político certamente não são novidade no Brasil. Torcedores e jogadores de futebol se mobilizaram em torno de pautas diversas nas últimas décadas, como na experiência da “Democracia Corintiana” na década de 1980 ou ainda na construção da pioneira Coligay por torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense no final da década de 1970, entre diversos outros casos. A análise de tais iniciativas, contudo, tem

recebido atenção limitada do campo de estudos de movimentos sociais e dos ativismos no Brasil.

Uma problemática importante que obstaculiza a incorporação de tais fenômenos por esse campo diz respeito à sua definição conceitual. Afinal, como pensar conceitualmente as ações de torcedores de futebol marcadas por caráter político? E como diferenciá-las das diversas outras atividades realizadas pelas torcidas de futebol? Essas são as problemáticas centrais deste artigo. Nosso argumento sugere que o conceito de “ativismo” é uma chave analítica profícua para o exame dessas questões.

Partimos aqui da definição de “ativismo” proposta por Abers (2021). Esse conceito é relevante para os objetivos deste trabalho, uma vez que amplia a atenção analítica para ações contenciosas não necessariamente circunscritas a atores vinculados a organizações de movimentos sociais. A autora estrutura esse conceito a partir de duas grandes dimensões:

Primeiro, ativismo é ação orientada para a defesa de causas contenciosas (...). Sejam causas favoráveis ou contrárias a mudanças na organização institucional das relações de poder, essa parte do conceito incorpora o caráter conflituoso em geral associado aos movimentos sociais (...). Segundo, entendo que ativismo envolve a ação coletiva. (...) Em geral, ativismo é realizado por atores que, uma vez que agem coletivamente em prol de causas, participam de movimentos sociais, entendidos como um tipo de rede (DIANI, 1992). Mas a ação coletiva do ativismo também pode ocorrer por fora de movimentos sociais por meio de outros tipos de redes, como de servidores públicos ou grupos de profissionais (Abers, 2021, p. 31).

Em suma, este conceito propõe que ativismo envolve a defesa coletiva de causas contenciosas. Esse artigo sugere, assim, que quando torcidas de futebol agem coletivamente na defesa de causas contenciosas, podemos defini-las a partir do conceito de “ativismo”. Nesses casos, propomos denominá-las “torcidas ativistas”.

Como evidenciam os exemplos desta Introdução, a defesa de causas contenciosas nem sempre é a motivação por trás das ações de torcidas de futebol, uma vez que torcedores agem coletivamente por diversos outros motivos que não a defesa de tais causas, ainda que estas ações tenham eventuais efeitos políticos, como sugerem alguns dos atos “fura-bloqueio”. Contudo, como buscaremos demonstrar, exemplos de ativismo entre torcedores de futebol são numerosos.

A literatura brasileira sobre ativismo para além das ações de atores vinculados a organizações de movimentos sociais têm se concentrado, em grande medida, na análise da defesa coletiva de causas contenciosas no interior das instituições políticas (Abers, 2015; 2019; 2021; Cayres, 2017; Pereira, 2020; Zanolli, 2019). No entanto, estudos indicam que diversas outras instituições sociais são desafiadas por ativistas, tais como os partidos políticos (Della

Porta; Chironi, 2015; Feitosa, 2022; Oliveira, 2021; Pereira, 2023), a ciência (Szwako; Sousa, 2022), a religião (Abers; Silva; Tatagiba, 2022) e até mesmo as forças armadas (Katzenstein, 1990). Embora nos casos mais visíveis de mobilização de torcidas citados anteriormente seu ativismo se dirija ao Estado como alvo, descreveremos neste artigo vários casos em que torcedores de futebol organizados em rede desafiam as instituições que influenciam a prática e o consumo deste esporte, que envolvem o Estado, mas não se limitam a ele, incluindo empresas, os clubes de futebol, as federações de futebol e as próprias torcidas.

Assim, este artigo contribui para o campo de estudos de movimentos sociais e dos ativismos de diversas maneiras. Em primeiro lugar, propõe uma definição conceitual para a mobilização coletiva de torcedores de futebol capaz de conectá-la a esse campo, o conceito de “torcidas ativistas”, bem como uma tipologia para classificar tais torcidas. Em segundo lugar, contribui para os debates sobre ativismo de duas maneiras: a) ao evidenciar um novo conjunto de práticas social e politicamente relevantes que podem ser abrigadas por esse conceito em dados casos, aquelas de torcidas de futebol; e b) ao evidenciar um conjunto de instituições em oposição às quais o ativismo desses atores pode ser observado, tais como o Estado, os clubes e federações de futebol e as próprias torcidas. Em terceiro lugar, explora de forma inicial dilemas que torcedores ativistas vivenciam na construção de suas relações com outros grupos de torcedores.

Com o intuito de desenvolver tais contribuições, este artigo está dividido da seguinte forma. Na próxima seção, descrevemos os procedimentos metodológicos que utilizamos ao longo da pesquisa de caráter exploratório que deu origem a este artigo. Nas seções seguintes, buscamos demonstrar como o conhecimento já existente sobre torcidas de futebol no Brasil e as evidências da pesquisa exploratória por nós realizada indicam que diversas iniciativas de torcedores brasileiros se enquadram na definição de “torcidas ativistas” por nós proposta. Para isso, em primeiro lugar, se o ativismo envolve a defesa de causas *contenciosas*, é necessário evidenciar que o futebol é um campo marcado por conflitos em relação aos quais torcedores podem defender interesses e apresentar seus posicionamentos. Em segundo lugar, buscamos evidenciar que, diante de tais conflitos potenciais, alguns grupos de torcedores de futebol constroem identidades que articulam a defesa de causas aos seus pertencimentos clubísticos no interior desse campo contencioso, agindo coletivamente para defendê-las. Em terceiro lugar, a partir do caso de torcidas antifascistas, exploramos como a articulação entre a defesa de causas contenciosas e o pertencimento clubístico pode dar origem a dilemas e conflitos vivenciados pelos torcedores. Por fim, traçamos nossas considerações finais.

Procedimentos metodológicos

O objetivo principal da pesquisa que deu origem a esse texto foi o de identificar experiências de ativismo entre torcidas de futebol, refletindo conceitualmente a respeito delas. Para isso, estabelecemos dois objetivos específicos: a) buscar evidências que nos auxiliassem a caracterizar o futebol como um campo contencioso e; b) identificar iniciativas de defesa coletiva de causas contenciosas por grupos de torcedores nesse campo.

Para atingir esses objetivos, primeiramente, realizamos uma revisão não sistemática da literatura brasileira sobre as relações entre torcidas de futebol e política. Foram realizadas buscas no repositório *Google Acadêmico* a partir de palavras-chave, além de acionados alertas sobre novas publicações a respeito do tema⁴. No total, selecionamos 45 textos para leitura e análise a partir dessas buscas. Eventualmente após esse procedimento, incluímos novos textos em nossa base na medida em que tomávamos conhecimento destes. Os artigos que efetivamente foram utilizados para o alcance dos nossos objetivos estão elencados no Quadro 1, tendo contribuído para ambos os objetivos específicos estipulados:

Quadro 1 - Publicações selecionadas para a revisão não sistemática da literatura brasileira sobre as relações entre torcidas de futebol e a política

Título	Autor	Ano	Revista	Área da Revista
Gênero e Raça: a nação construída pelo futebol brasileiro	Marcos Alves de Souza	1996	Cadernos Pagu	Interdisciplinar
Considerações sobre Preconceito e Discriminação Racial no Futebol Brasileiro	José Jairo Vieira	2003	Teoria & Pesquisa	Ciência Política
"O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares.	Édison Gastaldo	2005	Horizontes Antropológicos	Antropologia
A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia.	Arlei Sander Damo	2007	Revista Gênero	Interdisciplinar
Observatório do torcedor: o estatuto.	Martin Curi; Edmundo de Drummond Alves Junior; Igor Alves de Melo; Luiz Fernando Rojo; Melina Aurora Terra Ferreira; Robson Campaneruti de Silva	2008	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Educação Física
Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol.	Gustavo Andrada Bandeira	2010	Revista Brasileira de Educação	Educação
O Espetáculo Futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor.	Heloísa Helena Baldy dos Reis	2010	Revista Brasileira de Ciências do	Educação Física

⁴ Foram utilizadas as palavras-chave “futebol e política”, “torcidas de futebol e política”, “futebol e protesto”, “torcidas de futebol e protesto”. A utilização dessas palavras-chave justifica-se pela amplitude dos termos, o que permitiu a coleta de um conjunto relevante de textos - com diferentes abordagens e provenientes de distintas áreas do conhecimento - sobre as relações entre torcidas de futebol e a política.

			Esporte	
As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor.	Fernando Marinho Mezzandri; Saulo Esteves de Camargo Prestes; André Mendes Capraro; Fernando Renato Cavichioli; Wanderley Marchi Júnior	2011	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Educação Física
Paixão partilhada e participativa - o caso do futebol.	Arlei Sander Damo	2012	História: Questões & Debates	História
Maçaranduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil.	Marcos Alvito	2013	Tempo	Ciências Humanas
Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo.	Gustavo Andrada Bandeira e Fernando Seffner	2013	Espaço Plural	Ciências Humanas, Educação e Letras
Políticas públicas voltadas para atletas e torcedores de futebol: argumentos para dissidentes.	Heloisa Helena Baldy dos Reis; Felipe Tavares Paes Lopes; Mariana Zuaneti Martins	2014	Motrivivência	Educação Física
As torcidas <i>queer</i> em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol.	Mauricio Rodriguez Pinto; Marco Bettine Almeida.	2014	Revista Brasileira de Estudos do Lazer	Interdisciplinar
Arquibancada Cotidiana: jogos, sociabilidade e interação entre torcedores de futebol no Brasil	Édison Gastaldo	2016	Logos	Comunicação
Das palavras e dos palavrões: um olhar antropológico sobre formas de sociabilidade e construções narrativas nos estádios de futebol.	Arlei Sander Damo	2017	Sociabilidades Urbanas Revista de Antropologia e Sociologia	Antropologia e Sociologia
“Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo.	Felipe Tavares Paes Lopes; Bernardo Borges Buarque de Hollanda	2018	Tempo	Ciências Humanas
Memórias da Coligay e o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol.	Gustavo Andrada Bandeira e Fernando Seffner	2019	Diversidade e Educação	Educação
O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas.	Caio Lucas Morais Pinheiro	2021	Locus: Revista de História	História
Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras.	Irlan Simões Santos	2021	Esporte e Sociedade	Ciências Sociais e Humanas

Fonte: autoria própria

Para atingir o segundo dos objetivos específicos da pesquisa, nos apoiamos, ainda, em evidências de uma pesquisa empírica exploratória. Buscando identificar exemplos de grupos de torcedores que realizam ações coletivas marcadas pela defesa de causas contenciosas, realizamos um mapeamento via mídias sociais (Facebook, Instagram e Twitter) de perfis de

torcidas e redes de torcidas que se articulam politicamente em torno de causas contenciosas. Nosso levantamento inicial utilizou o termo de busca “torcida antifascista”, uma vez que este era o recorte inicial de nossa investigação. Contudo, ao nos depararmos com uma diversidade maior de experiências de ativismo por torcidas de futebol, mobilizamos novos termos em uma segunda rodada de buscas, a saber: “torcida popular”, “torcida LGBTQIA+”, “torcida feminista” e “torcida + movimento negro”.

Desde já, destacamos que este não é um levantamento sistemático e exaustivo, sendo necessário o uso de uma diversidade maior de termos de busca devidamente testados e consolidados para tal empreitada de forma a superar as dificuldades aqui encontradas. Por exemplo, a existência de diversas torcidas que utilizam termos como “rubro-negro” e “alvinegro” em seus nomes dificultou o mapeamento de grupos dedicados ao combate ao racismo no futebol em nossa pesquisa preliminar. Ademais, nosso levantamento apenas mapeia a existência nas mídias digitais de determinados grupos de torcedores que defendem causas contenciosas, não sendo possível verificar sua participação efetiva nos estádios ou sua ação política fora da esfera virtual. Contudo, acreditamos que tal levantamento cumpre o objetivo da pesquisa, isto é, identificar mesmo que preliminarmente a existência do fenômeno que aqui denominamos de “torcidas ativistas”.

Além deste mapeamento, realizamos quatro entrevistas exploratórias com integrantes de torcidas autodenominadas antifascistas com o objetivo de acessar informações sobre como agem politicamente os torcedores, como eles interpretam as relações entre futebol e política e como se constituem as suas redes de ação coletiva. Foram entrevistados dois membros da torcida Coluna Vermelha (do Sport Club Internacional, doravante denominado no presente artigo apenas como “Internacional”), um membro da Tribuna 77 (do Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense, doravante denominado neste artigo apenas como “Grêmio”) e um integrante da rede Torcidas Antifascistas Unidas - Nordeste (TAU-NE).

As entrevistas foram realizadas com membros de torcidas autodenominadas antifascistas por dois motivos: pelo protagonismo que este perfil de torcidas ativistas estava exercendo no contexto das notícias que apresentamos na Introdução deste artigo e por entendermos que a relação entre futebol e posicionamento político antifascista representa no universo das torcidas ativistas uma espécie de “guarda-chuva” sob o qual são englobadas uma série de outras causas como antirracismo, antielitização, defesa dos direitos LGBTQIA+, feminismo, entre outras. As características dos informantes da pesquisa e das entrevistas realizadas são resumidas no Quadro 2.

Quadro 2 - Torcedores entrevistados

Entrevista	Torcida	Identidade de Gênero	Raça/Cor	Data da Entrevista	Duração da Entrevista
1	Coluna Vermelha (Internacional)	Mulher Cisgênero	Branca	4/8/2020	1h 15min
2	Tribuna 77 (Grêmio)	Homem Cisgênero	Branca	7/8/2020	1h 38min
3	Coluna Vermelha (Internacional)	Homem Cisgênero	Branca	19/8/2020	1h 53 min
4	TAU-NE (multi-torcidas)	Homem Cisgênero	Branca	2/6/2021	1h 37 min

Fonte: autoria própria

Por fim, no que se refere à análise dos dados assim produzidos, realizamos dois conjuntos de procedimentos. Quanto ao levantamento realizado em mídias digitais, construímos um banco de dados em uma planilha na qual identificamos e sistematizamos as seguintes informações dos perfis levantados: clube ao qual a torcida está vinculada; estado e região na qual a torcida atua; e o “tipo” da torcida, estabelecido através da análise das causas e identidades a elas relacionadas. Essa tipologia das torcidas ativistas foi construída por nós indutivamente através da análise do material e será apresentada na seção na qual estes dados são analisados.

Já no que se refere às entrevistas, realizamos uma análise de conteúdo com auxílio de um *software* de análise qualitativa de dados auxiliada por computadores (CAQDAS). Nesse caso, as categorias utilizadas também foram construídas indutivamente e nos permitiram identificar: a) as causas defendidas pelas torcidas; b) sua participação em protestos; c) suas relações com a política institucional; d) as dinâmicas de violência e repressão no qual estiveram envolvidas e; e) os conflitos existentes entre torcidas. Nas três seções seguintes, apresentamos os resultados destes levantamentos.

O futebol como campo contencioso

Se o ativismo, conforme definido por Abers (2021), envolve a defesa coletiva de causas contenciosas, sua ocorrência pressupõe a existência de um campo de conflito. Se em instituições como o Estado e os partidos políticos a existência de conflitos políticos pode ser tomada como um pressuposto de constatação quase evidente, esse certamente não é o caso do futebol. Um olhar superficial sobre esse campo pode gerar a impressão de que disputas relacionadas ao

futebol estão meramente associadas às “paixões clubísticas” ou ainda às rivalidades entre torcidas de uma mesma agremiação. Contudo, a literatura existente sobre esse campo revela a presença de diversos conflitos de natureza política, econômica e cultural desde a invenção deste esporte - a exemplo dos casos de “times de fábrica” que eram impedidos de disputar os mesmos campeonatos que os times universitários da elite na Inglaterra do século XIX. Destacamos aqui - e pensando especificamente no caso brasileiro contemporâneo - aqueles que envolvem questões relativas à classe, raça, gênero e sexualidade.

Os conflitos de classe no campo do futebol têm sido abordados por trabalhos que analisam fenômenos diversos, tais como a promulgação do Estatuto do Torcedor em 2003 e a construção de novas “arenas” para os jogos de futebol no Brasil. Ambos os casos revelam que o futebol é permeado por desigualdades de classe e que decisões tomadas por estruturas de poder como o Estado, as federações de futebol e os próprios clubes podem diminuí-las ou ampliá-las. Desta forma, tais intervenções se constituem como objetos de conflitos nesse campo, mesmo que em potencial.

No caso do Estatuto do Torcedor, por exemplo, a aprovação dessa legislação criou normas relativas a temas como a transparência nas regras dos certames desportivos, as condições de segurança no interior e no acesso aos estádios, a infraestrutura, a organização e o oferecimento de serviços de alimentação e higiene nos estádios, a vendas de ingressos para partidas esportivas, entre outros (Curi *et al.*, 2008; Mezzadri *et al.*, 2011; Reis, 2010). Tais normas têm sido analisadas criticamente por parte da literatura (Curi *et al.*, 2008; DOS Reis; Lopes; Martins, 2014).

Diversos estudos têm indicado como essa legislação pode ter como “efeito colateral” a ampliação das desigualdades de classe no futebol. Críticas têm sido direcionadas à lógica de “mercantilização do futebol” na qual o Estatuto do Torcedor estaria apoiado, que tomaria o esporte como um “produto” e os torcedores como seus meros “consumidores”. A exigência de mudanças na infraestrutura dos estádios para o oferecimento deste “produto”, por exemplo, tenderia a gerar um aumento dos custos dos ingressos, marginalizando torcedores de classes populares, problema em relação ao qual o Estatuto não apresenta soluções (Curi *et al.*, 2008; Dos Reis; Lopes; Martins, 2014).

Ademais, a nova conformação dos estádios imporia uma “forma de torcer” estranha à lógica de determinados grupos de torcedores, em especial das torcidas organizadas e dos torcedores de classe popular. Freitas (2005), por exemplo, identifica que nos estratos de classe superiores o futebol é pensado como um produto de lazer e divertimento e como uma forma de

“sair da rotina”. Já para as classes populares, o esporte ganha traços de uma “razão de viver”. Tais lógicas geram uma relação distinta de tais grupos de torcedores com o estádio. Dessa forma, a exigência de numeração dos assentos nos ingressos delimitada pelo Estatuto, por exemplo, entraria em conflito com a lógica de ocupação dos espaços do estádio pelas torcidas populares de futebol, reforçando uma atitude de “mero espectador” ou “consumidor” entre torcedores, condizente com as formas de consumo das classes médias e alta (Curi *et al.*, 2008; Dos Reis; Lopes; Martins, 2014).

Por fim, no Estatuto do Torcedor, os torcedores ainda seriam vistos crescentemente como responsáveis pela violência nos estádios brasileiros, lógica expressa, por exemplo, na determinação de videomonitoramento obrigatório das movimentações dos torcedores em dias de jogos. Dessa maneira, reforça-se a tendência de repressão às torcidas organizadas e aos setores populares, alvos preferenciais da ação repressiva estatal junto aos estádios (Curi *et al.*, 2008; Dos Reis; Lopes; Martins, 2014).

Às regulamentações exigidas pelo Estatuto do Torcedor somam-se outras iniciativas, como a realização de megaeventos esportivos no Brasil - tais como os Jogos Panamericanos de 2007, a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo de Futebol masculino de 2014 e as Olimpíadas de 2016 -, os quais teriam ampliado o processo de “elitização” e de “arenização⁵” do futebol no país. A realização desses megaeventos na década de 2010 teria ampliado as desigualdades de classe no futebol brasileiro ao reforçar processos já existentes de aumento dos custos dos ingressos e de imposição de formas de “consumir” o esporte nos estádios, cada vez mais afastando as classes populares destes espaços (Santos, 2021). Assim, processos como a implementação de novas políticas voltadas ao futebol, bem como a realização de megaeventos esportivos se constituem como objetos de conflito - ainda que potenciais - em torno da elitização e da “arenização do futebol”, fortemente atravessados pelas desigualdades de classe.

Outro conjunto de conflitos que atravessam o futebol se conecta às relações entre raça, gênero e sexualidade. Estudos sobre esse tema evidenciam que o futebol é marcado por intensas desigualdades, relações de poder e violência envolvendo esses fatores e suas intersecções.

⁵ A chamada “arenização” dos estádios significa a transformação dos clássicos estádios de futebol em construções “modernas” que, segundo Oliveira Jr (2017) estão balizadas por três conceitos: multifuncionalidade; gestão “racional” do espaço e do público; e preocupação constante com a segurança. O conceito tem origem nos estádios construídos na Europa a partir da década de 1990, denominados *arena* em inglês, cujo caso mais emblemático foi o da Amsterdam Arena - do Ajax - inaugurada em 1996 e rebatizada de Johan Cruyff Arena em 2018. As arenas estadunidenses (de basquete, beisebol, *gridiron*, hóquei e *soccer*) também influenciaram o futebol com a realização da Copa do Mundo de futebol masculino naquele país em 1994. O processo de arenização, portanto, significa a transformação dos estádios de futebol em construções arquitetônicas voltadas para a promoção de diversos espetáculos - geralmente atendendo a fins mercadológicos - e para a própria espetacularização do esporte a fins de atender os chamados “padrão FIFA” e “padrão UEFA”.

Também evidenciam que práticas e discursos adotados por instituições como o Estado, os clubes e federações de futebol, a mídia, bem como as práticas cotidianas de sociabilidade entre torcedores e profissionais no esporte podem reforçar ou problematizar tais desigualdades. Dessa forma, as diversas práticas políticas e culturais relativas à raça, gênero e sexualidade no futebol se constituem como objetos de conflito potencial nesse campo.

Nesse tópico, o trabalho de Souza (1996) fornece reflexões pioneiras. Segundo o autor, “o futebol também pode ser entendido como um espetáculo ritualístico onde são representados dramas relacionados à nação, ao gênero e à raça” (1996, p.150). No que se refere à raça, o pesquisador destaca a construção discursiva do “futebol-arte” como a suposta representação típica do “futebol brasileiro”, evidenciando as conexões entre tal representação e estereótipos raciais associados aos jogadores negros, como a “malandragem” e a “ginga”. Ao mesmo tempo, estereótipos raciais, como a “passividade” ou o “nervosismo” também são associados às causas de eventuais “fracassos” do futebol brasileiro, como no caso da derrota da seleção nacional na final da Copa do Mundo de 1950, fortemente associada pelo discurso midiático ao desempenho do goleiro negro Barbosa. Dessa forma, também no campo do futebol o “mito da democracia racial” estaria presente, enaltecendo as supostas qualidades da “miscigenação racial” da sociedade brasileira e ocultando as violências e discriminações raciais instituídas por esse discurso e presentes na sociedade brasileira (Souza, 1996).

De forma semelhante, Vieira (2003) busca desconstruir mitos que sugerem que o futebol é um campo marcado pela inexistência de desigualdades raciais, os quais afirmam, por exemplo, que este esporte forneceria a atletas negros um espaço para mobilidade social livre de obstáculos raciais. Para isso, realizou uma pesquisa junto a jogadores de futebol no estado do Rio de Janeiro. Seus dados indicam que, apesar da maior presença de jogadores negros nesse campo profissional, tais jogadores tendem a estar concentrados na base da pirâmide salarial da categoria, que suas experiências de mobilidade de classe intergeracional são relativamente raras se comparadas à percepção do senso comum e que os atletas negros percebem mais frequentemente que atletas brancos a existência de racismo no esporte, em particular, por parte das próprias torcidas.

Já as relações entre torcidas, gênero e sexualidade foram exploradas em profundidade por estudos etnográficos que analisam como a dramatização de gênero ocorre em diversos contextos concretos de interação social entre torcedores. Essas pesquisas dão especial atenção à construção do futebol não apenas como o espaço associado ao “masculino”, mas também

como o espaço de afirmação de uma certa masculinidade hegemônica, dando origem a desigualdades e conflitos em torno de gênero e sexualidade no esporte.

Tal processo de construção do futebol como um espaço “masculino” teria início ainda nas práticas do esporte em brincadeiras entre crianças. Ao analisar interações entre crianças de diferentes gêneros em jogos de futebol de rua, Damo (2007), por exemplo, argumenta que o futebol se constitui como espaço para o aprendizado e de internalização de papéis de gênero, em especial, relativos ao “masculino”, sugerindo que

Assim como brincar de boneca é uma forma de experimentar-se no papel de mãe, jogar futebol é uma forma de aprender a ser homem, embora jamais tenha ouvido quem quer que seja expressar isso aberta e publicamente, possivelmente porque essas categorias estão naturalizadas em nossas representações ordinárias (Damo, 2007, p. 147).

Na medida em que o futebol na infância se apresenta tacitamente como espaço para o aprendizado de padrões hegemônicos de masculinidade, meninas são excluídas desse espaço, uma vez que sua presença poderia romper com a associação entre o esporte e a masculinidade. Dessa forma, se o futebol se apresenta na experiência dos meninos como um constrangimento relativo à internalização de formas de agir prescritas a eles, na experiência das meninas, esse esporte se apresenta como exclusão (Damo, 2007).

Além de afastar o “feminino” do campo do futebol, tais representações criam ainda uma masculinidade prescrita em torno do tema, dando origem a processos de violência e exclusão de pessoas com orientações sexuais e identidades e expressões de gênero que fogem à cis-heteronormatividade. Gastaldo (2005), por exemplo, analisa como em bares em que jogos de futebol são assistidos é construída uma masculinidade pautada pelas chamadas “relações jocosas futebolísticas”, baseadas no antagonismo em relação aos torcedores do time rival e nas brincadeiras e provocações que “não devem ser levadas a sério”.

Já nos estádios de futebol, estudos indicam que performances de masculinidade estariam pautadas pela expressão de emoções tidas como “masculinas” - como a raça (na defesa do time), a violência (em especial, aquela de conotação homofóbica) - e pela atribuição de caráter subalterno à masculinidade dos times rivais (novamente aqui, a partir de dispositivos de caráter homofóbico). De forma paradoxal, contudo, essas pesquisas apontam que estádios de futebol também se apresentariam para os homens como um dos poucos espaços de sociabilidade em que a expressão de afeto entre eles (quando torcedores do mesmo time) é socialmente permitida e valorizada, ainda que dentro dos limites delineados anteriormente (Bandeira, 2010; 2012; Bandeira; Seffner, 2013; 2019).

Em suma, tais pesquisas evidenciam que o futebol é um campo marcado por desigualdades, violências e conflitos políticos e culturais em torno de temas como classe, raça, gênero e sexualidade. Políticas públicas, discursos e práticas da mídia e dos clubes e federações de futebol e até mesmo as práticas cotidianas de sociabilidade dos torcedores estão marcadas por diversas desigualdades, relações de poder e violências relacionadas a esses fatores. Ações de diversas instituições e grupos sociais produzem efeitos sobre estas desigualdades, tornando-se objetos de conflito, ao menos potencialmente. Para que esses fenômenos de fato se constituam como objeto de conflito, contudo, é necessário que atores ajam coletivamente na defesa de causas a ele relacionadas. Buscaremos demonstrar na próxima seção que esse processo tem ocorrido entre torcedores brasileiros.

Torcidas ativistas e a defesa coletiva de causas contenciosas

Uma vez delimitado que o futebol é um campo atravessado por desigualdades, violências e, assim, conflitos potenciais, é preciso analisar se há evidências de que tais fenômenos têm sido alvo da ação coletiva de torcedores que defendem causas a elas relacionadas, ou seja, se em relação a esse campo contencioso podemos identificar a ação de torcidas ativistas.

Torcidas de futebol foram, em muitos casos, interpretadas a partir de premissas que as caracterizaram meramente pela ideia de “massa”, “povo” ou “multidão”. Tais visões estão frequentemente associadas a uma leitura negativa do futebol baseada nas ideias do “vício” ou da “alienação”, diminuindo a capacidade de agência dos torcedores. Em oposição a estas premissas, pesquisas têm demonstrado que as dinâmicas comunicativas e de sociabilidade de torcedores de futebol - em espaços como os estádios e os bares - envolvem uma densa rede de práticas de construção de identidades coletivas, não podendo ser lidas como mero fenômeno irracional de comportamento de massa (Alvito, 2013; Damo 2012; 2017; Gastaldo, 2016).

Tais práticas de sociabilidade podem gerar identidades coletivas e práticas de diversas naturezas. Parte da literatura explorou como tais práticas ajudam a construir identidades coletivas baseadas no “pertencimento clubístico” e marcadas por oposições entre o “nós” e o “eles”, em alguns casos, expressas na forma de violência (Alvito, 2013; Damo 2012; 2017; Gastaldo, 2016). Já estudos como aqueles examinados na seção anterior indicam que tais práticas de sociabilidade podem, em muitos casos, estar marcadas pela reprodução de discursos

e práticas racistas, sexistas e LGBTfóbicas, assim contribuindo para a reprodução de estruturas de poder e desigualdade.

Nosso esforço nesta seção é indicar - por meio de evidências de literatura revisada e de nossa pesquisa exploratória - que tais práticas de sociabilidade dão origem, em muitos casos, a identidades que sustentam a ação coletiva na defesa de causas contenciosas, ou seja, ao ativismo. Nesse sentido, se dentre as formas de pertencimento que as torcidas engendram algumas tendem a reforçar determinados estereótipos historicamente construídos e relações de poder neles sustentadas, outras podem promover causas que os desafiam.

Em nosso mapeamento preliminar realizado a partir de páginas e perfis no Facebook, Instagram e Twitter⁶, identificamos 148 organizações e perfis de torcedores de 81 clubes em 20 estados brasileiros, mais o Distrito Federal, que constroem suas identidades articulando seu “pertencimento clubístico” ou de forma mais geral sua “paixão pelo futebol” à defesa de causas diversas. Quanto ao formato organizativo, destacamos a existência de grupos com atuação local e fortemente vinculados aos seus clubes, bem como a existência de redes que buscam articular torcidas de diversos clubes que atuam em torno de determinada causa.

Em nossa análise, a partir das causas defendidas e das identidades mobilizadas pelas torcidas ativistas, as classificamos a partir da seguinte tipologia: as “torcidas populares”, as “torcidas antirracistas”, as “torcidas feministas e de mulheres”, as “torcidas LGBTQIA+”, as “torcidas antifascistas”, as “torcidas pela democracia” e as “torcidas de esquerda”⁷. A seguir, buscamos explorar em detalhes as características dos cinco primeiros desses tipos de torcidas ativistas. Em linhas gerais, enquanto os quatro primeiros desses tipos de torcidas estabelecem relações predominantes (ainda que não exclusivas) com causas relacionadas a classes sociais, raça, gênero e sexualidade respectivamente, as chamadas “torcidas antifascistas” articulam em sua identidade muitas dessas causas a partir de uma releitura da noção de “antifascismo”.

⁶ Nesse ponto, cabe destacar novamente que, em decorrência dos limites dos nossos procedimentos metodológicos, não é possível verificar se tais grupos de torcedores têm atuação limitada às redes sociais da internet, ou se tais agrupamentos de fato se constituem como grupos de torcedores que se organizam para assistir em conjunto aos jogos de seus times e para agir coletivamente fora do âmbito digital. Tampouco é possível estabelecer o número de torcedores que compõem tais grupos. Contudo, acreditamos que a existência de tais perfis fornece indícios preliminares que, complementados às evidências da literatura indicadas a seguir, apontam para a existência de ativismo entre torcedores, mesmo que em alguns casos no formato do “ativismo digital” (Von Bülow; Gobbi; Dias, 2022).

⁷ Nos referimos aqui a perfis de torcidas que em suas identidades, articulam seu pertencimento clubístico, principalmente, à defesa de ideologias políticas de esquerda, como o socialismo, o comunismo ou o anarquismo. Exemplos incluem o grupo “Flanarquia” (Clube de Regatas Flamengo) e o Vascomunistas (Clube de Regatas Vasco da Gama).

No que se refere às “torcidas populares”, identificamos em nosso levantamento diversas iniciativas desse tipo, tais como a “Frente Esquadrão Popular” (Esporte Clube Bahia), o “Movimento Popular Coral” (Santa Cruz Futebol Clube) e a “Resistência Azul Popular” (Cruzeiro Esporte Clube), para citar apenas alguns exemplos. Também se enquadram nessa categoria torcidas organizadas de perfil mais “tradicional” que se massificam nas décadas de 1970 e 1980, desenvolvendo forte estrutura organizacional ao longo do tempo. É o caso, por exemplo, da torcida Gaviões da Fiel, já citada na Introdução deste artigo. Cabe destacar que, além das torcidas identificadas em nosso levantamento nas mídias sociais, estudos anteriores já indicavam a existência de ações coletivas de torcedores de futebol direcionadas a criticar os processos de “arenização” e elitização do esporte descritos na seção anterior (Oliveira, 2021; Lopes; Hollanda, 2018).

Nas ações realizadas pelas torcidas por nós mapeadas, como a publicação de notas e a realização de *posts*, identificamos pautas como a defesa da presença dos setores populares e de seu modo de torcer nos estádios, o apoio a uma maior democratização dos clubes de futebol e o resgate da importância das classes populares na história dos clubes. Dessa forma, causas relacionadas a desigualdade de classes no futebol são essenciais nas iniciativas desses grupos. Contudo, é possível também identificar ações vinculadas a outras questões, como a defesa do isolamento social no período da pandemia de Covid-19 e notas de repúdio em relação a violência contra mulheres nos estádios.

Já no que se refere às “torcidas antirracistas”, duas torcidas foram identificadas por meio de nosso mapeamento: o “Coletivo Quilombo do Arruda” (Santa Cruz) e o “Negrada do Inter” (Internacional). Aqui vale destacar novamente que essa foi a temática em relação à qual tivemos maiores dificuldades metodológicas em nossa pesquisa, sendo necessários novos estudos para a identificação mais precisa de torcidas vinculadas à luta antirracista. Ademais, identificamos também iniciativas que buscam reunir diversas torcidas que defendem pautas antirracistas em uma rede de torcidas, como é o caso do Movimento Futebol Antirracismo.

Entre as ações já realizadas pelas torcidas que identificamos estão *lives* no YouTube e *posts* em mídias sociais sobre temas como o antirracismo, a valorização de jogadores negros que participaram da história dos clubes e a denúncia de situações de racismo ocorridas no ambiente do futebol. Assim como ocorre com outras torcidas ativistas, cabe destacar que observamos no perfil da torcida “Coletivo Quilombo do Arruda” pautas que ultrapassam o contexto do esporte e do antirracismo, como a defesa da democracia e do Sistema Único de Saúde (SUS).

Embora não se constitua exatamente como uma torcida ativista, outra iniciativa de defesa de causas coletivas antirracistas por meio da ação coletiva no futebol a ser destacada é o “Observatório da Discriminação Racial no Futebol”. O projeto é descrito em seu site “como um importante instrumento de inclusão social e de luta contra a violência e a discriminação racial”⁸. O Observatório busca monitorar casos de racismo no futebol - o que resulta em relatórios anuais - e realizar ações educacionais para erradicar práticas racistas.

Já em relação às “torcidas feministas e de mulheres”, nosso mapeamento permitiu identificar iniciativas como o “Coletivo Elis Vive” (Grêmio), a “Força Feminina Colorada” (Internacional), o “Movimento Toda Poderosa Corinthiana” (Sport Club Corinthians Paulista) e o “Movimento Coralinas” (Santa Cruz Futebol Clube), para citar apenas alguns exemplos. Ademais, destacamos aqui também a existência da rede de torcidas “Movimento Feminino da Arquibancada” que busca articular torcidas ativistas desse tipo vinculadas a diferentes clubes brasileiros.

Esses grupos têm buscado defender a participação das mulheres no futebol, apoiando causas que vão desde o crescimento de investimentos destinados ao futebol feminino pelos clubes e federações até a ocupação pelas mulheres de diversos espaços ligados ao futebol (nas arquibancadas como torcedoras, em campo na posição de árbitras e jogadoras, na mídia como comentaristas esportivas etc.). Um exemplo de ação desse tipo que identificamos em nosso levantamento nas mídias sociais e em uma entrevista por nós realizada é a campanha “o banheiro é delas”, em que o “Movimento Coralinas” defendeu a existência e maior presença de banheiros femininos nos estádios, bem como o respeito a esses espaços pelos homens. Ademais, algumas dessas torcidas também defendem pautas que transcendem a esfera esportiva, como o voto em candidatas que se identificam com os direitos das mulheres, a luta contra a violência de gênero, entre outras.

A atuação das torcidas feministas e de mulheres também envolve o combate a situações de reprodução do machismo, do sexismo e da violência misógina no futebol. Recentemente, por exemplo, acompanhamos o caso das jogadoras do time feminino do Corinthians, que se manifestaram contra a contratação do técnico Cuca pelo time masculino, dado que ele foi condenado pelo crime de estupro em 1989 na Suíça, mas nunca cumpriu a pena, já prescrita (TNH1, 2023). A pressão iniciada pelas jogadoras contou com o apoio de torcedoras do time e gerou debates em programas esportivos e telejornais, culminando no pedido de demissão do treinador uma semana após assumir o comando técnico do time (R7, 2023).

⁸ Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/apresentacao/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

Já no que se refere às “torcidas LGBTQIA+”, em nosso levantamento identificamos grupos como a “Torcida LGBTricolor” (Esporte Clube Bahia), a “Coxa LGBTQ+” (Coritiba Foot Ball Clube), a “Palmeiras Livre” (Sociedade Esportiva Palmeiras), dentre outros. Cabe destacar aqui que estudos anteriores já haviam identificado a existência e a atuação de torcidas LGBTQIA+ ou de “torcidas *queer*”, seja em experiências pioneiras, como no caso da Coligay (Grêmio) ainda na década de 1970 (Anjos, 2022; Gerchmann, 2014), seja em iniciativas contemporâneas que teriam se tornado cada vez mais numerosas de acordo com o diagnóstico desses estudos (Bandeira; Seffner, 2019; Pinto, 2014; Pinto; Almeida, 2014).

Tais torcidas têm promovido ações que buscam enfrentar e divulgar casos de LGBTfobia no futebol, promover eventos culturais e espaços seguros para a socialização de torcedores LGBTQIA+ e realizar um enfrentamento direto à LGBTfobia nos estádios a partir da utilização de símbolos desse movimento em arenas esportivas. A exemplo do que ocorre com os demais tipos de torcida, também nesse caso podemos identificar ações que não estão exclusivamente relacionadas à pauta LGBTQIA+ e ao futebol, como a defesa da vacinação.

Ainda a exemplo dos demais tipos de torcidas ativistas, identificamos aqui também a existência de uma rede que articula torcidas LGBTQIA+ de diversos clubes, a Canarinhos LGBTQ. De acordo com informações contidas em *site*⁹, além de seu papel de articulação, a rede é responsável pelo Observatório da LGBTfobia no Futebol, que produz levantamentos sobre temas diversos relacionados a essa causa, como a respeito de casos de LGBTfobia no futebol brasileiro, do posicionamento dos clubes brasileiros em afirmação dos direitos de LGBTQIA+ no Dia Internacional do Orgulho LGBT e do uso da camisa de número “24” pelas equipes em competições esportivas oficiais, dentre outros.

Destacamos aqui, por fim, as chamadas “torcidas antifascistas”, como a “Coral Antifa” (Santa Cruz Futebol Clube), a “Antifascista Sport” (Sport Club do Recife), a “Vozão Antifascista” (Ceará Sporting Club), a “Remo Antifascista” (Clube do Remo), a “Tribuna 77” (Grêmio), a “Coluna Vermelha” (Internacional), a “Vasco Antifascista” (Clube de Regatas Vasco da Gama), a “Flamengo Antifascista” (Clube de Regatas Flamengo), a “Cruzeiro Antifascista” (Cruzeiro Esporte Clube), a “Coringão Antifa” (Sport Club Corinthians Paulista), a “SPFC Antifascista” (São Paulo Futebol Clube), a “Dragão Antifascista” (Atlético Clube Goianiense), a “Esmeraldinos Antifas” (Goiás Esporte Clube), dentre diversas outras. Identificamos também em nosso levantamento redes de torcidas antifascistas, como a Torcidas Antifascistas Unidas do Nordeste (TAU-Nordeste), a qual reúne torcidas da região Nordeste e,

⁹ Disponível em: <https://canarinhoslgbtq.com.br/>. Acesso em 14 dez. 2023.

atualmente, também do Norte, e a Torcidas Antifascistas Unidas (TAU-Brasil), a qual englobaria um conjunto de torcidas antifascistas em todo o território nacional, mas que, segundo um dos entrevistados, tem enfrentado maiores dificuldades de articulação, como exploraremos na próxima seção. Cabe destacar aqui que estudos anteriores também identificaram a existência de tais torcidas, apontando que elas compartilham entre si uma sociabilidade militante pautada pela ideia de “resistência” às diversas desigualdades no futebol (Pinheiro, 2021; Soares; Zago, 2018).

Em nossas entrevistas exploratórias com torcedores vinculados a torcidas antifascistas, identificamos que a noção de antifascismo mobilizada pelos torcedores é da consolidação de uma identidade política para além de uma tática ou das características do antifascismo enquanto movimento social nas décadas de 1920, 30 e 40 (Bray, 2019). As torcidas *antifa* do século XXI caracterizam-se por serem essencialmente de esquerda - abarcando internamente torcedores de diversas ideologias políticas desse campo - e por articularem em sua ação causas diversas, como o combate às desigualdades relativas à classe, raça, gênero e sexualidade no futebol, além da defesa de causas não estritamente relativas ao esporte, como a defesa da democracia. A partir daqui, exploraremos brevemente como essas diversas causas se apresentam na experiência das torcidas antifascistas por nós investigadas.

Em primeiro lugar, uma questão recorrente nas entrevistas e encontrada com frequência nas postagens dos perfis identificados é a defesa da causa do “futebol popular” em oposição ao processo de elitização e arenização dos estádios. Entrevistados que integram a Coluna Vermelha (Internacional), a Tribuna 77 (Grêmio) e a TAU-NE indicaram a pauta de combate à mercantilização e elitização do futebol como uma das principais bandeiras dos grupos, contrapondo-se assim ao modelo do “futebol negócio” ou ao “futebol moderno”, sustentando uma espécie de retorno às “raízes” do futebol, com estádios cheios, ingressos baratos e setores populares, cenário característico do futebol brasileiro no século XX.

Nessa lógica, o processo de arenização do futebol é mencionado por alguns dos entrevistados como um “estopim” importante para sua articulação política. O encarecimento de ingressos ocasionado pela reformulação dos estádios e o conseqüente afastamento dos torcedores de menor poder aquisitivo teria gerado reação de parte dos torcedores, alguns deles aglutinados nas torcidas antifascistas. Esta reação teria gerado um aumento no número de torcidas *antifa*, bem como sua articulação em redes para a produção de ações coletivas articuladas. Esse ponto é particularmente salientado pelo integrante da Tribuna 77, devido ao

fato de o Grêmio ter passado por um processo de arenização com a construção de um novo estádio, a “Arena do Grêmio”, inaugurada em 2012.

Em segundo lugar, as torcidas antifascistas por nós identificadas incorporam a causa antirracista em suas práticas e discursos. O entrevistado da Tribuna 77 (Grêmio), por exemplo, afirmou em entrevista que uma das principais preocupações que levaram à criação da torcida foi a inconformidade com cânticos racistas usados por outras torcidas do Grêmio para ofender os torcedores do rival Internacional. O entrevistado da Coluna Vermelha (Internacional), por sua vez, salienta a relação histórica entre o seu clube e os movimentos quilombolas da cidade de Porto Alegre e indica que atualmente os membros da Coluna Vermelha buscam reafirmar e valorizar essa história. Uma das formas de ação adotadas, nesse sentido, seria a identificação dos chamados “territórios colorados”, regiões de população majoritariamente negra em Porto Alegre e historicamente identificadas com o Internacional.

Em terceiro lugar, causas relativas às desigualdades de gênero também se apresentam na atuação e nos discursos das torcidas antifascistas. No caso da Tribuna 77, por exemplo, é possível destacar a existência do “Coletivo Elis Vive”, organizado para dar conta de forma específica dessa temática. Já a torcedora ligada à Coluna Vermelha (Internacional) indica que, na perspectiva das torcidas antifascistas, a defesa de pautas ligadas às questões de gênero deveria envolver a politização desse debate em uma postura crítica. Na compreensão da torcedora, não bastaria, por exemplo, expor faixas que simplesmente indiquem a presença de mulheres na arquibancada sem que sejam realizadas ações que combatam as consequências da dominação masculina sobre os espaços do futebol.

Em quarto lugar, também as desigualdades relativas à orientação sexual e identidade de gênero são destacadas pelos torcedores entrevistados. Nesse ponto, cabe destacar a atuação da Tribuna 77 na valorização e no resgate da experiência da torcida Coligay, que por anos foi utilizada como recurso para piadas homofóbicas de clubes rivais e entendida como motivo de vergonha por torcedores gremistas. O perfil “Coligay Memória” nas mídias sociais é utilizado de forma a provocar um reenquadramento desta experiência histórica, destacando, por exemplo, a coexistência desta torcida com o período de retomada da conquista de títulos regionais, nacionais e internacionais pelo clube na virada da década de 1970 para 1980.

Cabe destacar, por fim, que torcidas antifascistas não têm direcionado seus esforços apenas para promover causas estritamente relacionadas ao “campo do futebol”. Redes de torcidas antifascistas, por exemplo, atuaram de forma articulada para promover atos de oposição ao governo Bolsonaro em 2020 e 2021, como ilustra o exemplo mencionado na Introdução

deste artigo. Outros exemplos recentes de pautas que levaram a ações articuladas entre torcidas antifascistas foram, segundo o integrante da TAU-NE entrevistado, a oposição à reforma da previdência e a defesa de ações de enfrentamento à pandemia da Covid-19.

Em suma, as evidências apresentadas nesta seção possibilitam compreender diversas ações protagonizadas por torcidas de futebol como formas de ativismo. Torcedores agem coletivamente, construindo organizações e redes de forma a coordenar a ação coletiva. Nessas ações, defendem causas diversas, relacionadas a temas como as desigualdades de classe, raça, gênero e sexualidade no futebol, bem como causas que transcendem o “mundo do futebol”, como a defesa da democracia. Torcedores, assim, se engajam em ações coletivas na defesa de causas contenciosas formando torcidas ativistas.

Entre a causa e o clube

Na seção anterior, indicamos que, em sua maioria, torcidas ativistas articulam em sua identidade dois grandes referentes: a) a defesa de determinada causa e; b) o pertencimento a um clube de futebol. Nessa seção, buscamos explorar as tensões e dilemas que surgem a partir dessa articulação. Para isso, nos baseamos em grande medida nas entrevistas por nós realizadas junto a torcedores vinculados às torcidas antifascistas dos clubes rivais de Porto Alegre, bem como em uma entrevista realizada junto a um integrante da rede TAU-NE.

Em primeiro lugar, destacamos a existência de dificuldades enfrentadas por torcedores em iniciativas que têm como objetivo produzir articulações entre ativistas que compartilham determinada causa, mas que pertencem a clubes distintos, em especial, quando estes são rivais. Torcedores entrevistados sugerem que, em determinadas situações, os pertencimentos e as rivalidades existentes entre os clubes se sobrepõem ao compartilhamento de causas contenciosas, criando atritos entre os ativistas. A categoria “clubismo” é mobilizada pelos entrevistados para dar conta dessas situações.

As relações entre as torcidas ativistas da dupla Grêmio e Internacional ilustram esses casos. Ativistas vinculados a ambos os clubes compartilham o diagnóstico da existência de dificuldades no diálogo entre as torcidas. Uma importante controvérsia nesse caso é a relação estabelecida pela torcida antifascista do Grêmio com as causas antirracista e popular. Essa controvérsia se desenrola em um cenário no qual, ao longo do século XX, o clube e a torcida do Internacional construíram uma imagem fortemente vinculada às classes populares - adotando, por exemplo, a denominação informal de “Clube do Povo” - e à população negra do Rio Grande do Sul - indicando, por exemplo, ter incluído jogadores negros em seu elenco antes do rival. Em

contraste a isso, nesse imaginário, o Grêmio foi associado às elites e, no se refere à dimensão racial, além da inclusão tardia de jogadores negros de forma consistente em comparação ao rival, indica-se o uso recorrente de termos racistas em cânticos de torcidas organizadas do clube.

Diante desse cenário, a torcida antifascista vinculada ao Grêmio, a Tribuna 77, tem buscado reverter a associação do clube às elites brancas gaúchas a partir da elaboração de novas narrativas sobre sua história, que destacam a presença e a relevância de jogadores, torcedores e dirigentes negros na trajetória do clube, bem como a existência de membros de classes populares em sua torcida. O grupo destaca, por exemplo, figuras como a de Lupicínio Rodrigues - compositor do hino do Grêmio, que teria se tornado torcedor do clube diante da rejeição do Internacional em relação à participação de agremiações negras nas competições municipais no início do século XX - e episódios como a construção do Estádio Olímpico Monumental a partir da mobilização popular.

Tais iniciativas são vistas criticamente por alguns ativistas das torcidas antifascistas do Internacional. A ideia principal mobilizada por esses torcedores é de que o esforço de criação de novas narrativas pela antifascista gremista criaria uma espécie de “revisão histórica” que teria como efeito nocivo o apagamento do racismo na história e nas práticas do clube rival, contribuindo para sua reprodução. De acordo com um de nossos informantes, diante desse diagnóstico, a Coluna Vermelha teria optado por manter diálogo com a Tribuna 77 apenas através da mediação de redes das quais ambos fazem parte.

A construção de redes de torcidas antifascistas se torna, assim, um processo complexo que envolve a equalização entre o compartilhamento de causas e o choque de pertencimentos clubísticos. A TAU-NE é citada como um exemplo de sucesso de construção de redes desse tipo pelos entrevistados. Nesse caso, o compartilhamento de uma identidade regional parece ter sido importante para que torcedores de clubes nordestinos rivais compartilhassem mais uma causa: a defesa dos clubes da região em oposição ao domínio do eixo Sudeste-Sul no futebol brasileiro. Contudo, os esforços de construção de redes nacionais entre torcidas antifascistas têm encontrado maiores obstáculos, sendo o “clubismo” visto como um fator essencial para isso por entrevistados da pesquisa.

Em segundo lugar, a articulação entre o pertencimento clubístico e a defesa de causas contenciosas também gera eventuais conflitos entre as torcidas antifascistas e as demais torcidas dos clubes às quais os ativistas estão vinculados, bem como com as direções das agremiações. No caso da Tribuna 77, vinculada ao Grêmio, dois foram os principais conflitos destacados, em particular, nos anos iniciais de atuação do grupo. Primeiro, a resistência das demais torcidas

organizadas do clube em abandonar os termos racistas presentes em seus cânticos, uma das pautas que motivou a criação da antifascista gremista. Segundo, a existência de represálias aos esforços da Tribuna 77 de valorização da experiência histórica da Coligay, pioneira no ativismo LGBTQIA+ em torcidas de futebol brasileiras.

Já no caso da Coluna Vermelha, as principais dificuldades indicadas no diálogo com as demais torcidas do clube estão relacionadas à LGBTfobia. Uma das entrevistadas relata, por exemplo, que uma tentativa de construção de uma torcida organizada LGBTQIA+ própria no clube foi abandonada uma vez que torcedores LGBTQIA+ relataram que se sentiam mais seguros estando vinculados à Coluna Vermelha do que em um cenário em que atuassem como uma torcida autônoma. Também foram relatados casos de conflitos com a direção do clube. O nome “Coluna Vermelha” (antes “Internacional Antifascista”), por exemplo, foi adotado pelo grupo após represálias da direção em relação ao uso do símbolo e do nome no clube pela torcida por meio de processo judicial.

Em suma, nesta breve seção, buscamos demonstrar como a articulação entre a defesa de causas contenciosas e o pertencimento clubístico - característica fundamental das identidades de torcidas ativistas - gera, em diversos casos, obstáculos para a criação de redes. Se, de um lado, os pertencimentos e rivalidade clubísticas podem potencializar controvérsias entre torcidas ativistas de clubes diferentes dificultando sua articulação, de outro, a defesa de causas contenciosas pode gerar conflitos com as demais torcidas organizadas do clube, no limite, colocando em risco a própria segurança dos ativistas.

Considerações finais

Neste artigo, partimos da problemática acerca da definição conceitual de ações marcadas por conotações políticas que têm sido levadas a cabo por torcidas de futebol no Brasil. Nosso principal argumento sugere que, em alguns casos, ações de torcidas de futebol podem ser entendidas através do conceito de “ativismo” tal como proposto por Abers (2021). A partir disso, propomos o conceito de “torcidas ativistas” para definir aquelas torcidas que agem coletivamente na defesa coletiva de causas contenciosas relacionadas ao futebol, mas não apenas necessariamente circunscritas a esse esporte.

Buscamos na literatura existente sobre o tema e em uma pesquisa empírica preliminar evidências da existência de tal fenômeno. Em primeiro lugar, se o ativismo consiste na defesa coletiva de causas *contenciosas*, ela pressupõe a existência de conflitos. Dessa forma, buscamos

demonstrar que o futebol não é apenas um campo de paixões esportivas ou de negócios, mas também um campo de conflitos marcado por desigualdades, violências e relações de poder relativas a classe, raça, gênero e sexualidade.

A seguir, buscamos demonstrar a existência de experiências de engajamento de torcedores nesses conflitos por meio da ação coletiva na defesa de causas contenciosas, ou seja, do ativismo. Nosso mapeamento indicou a existência de um amplo número de grupos de torcedores que articulam em suas identidades pertencimentos clubísticos e a defesa de causas contenciosas, constituindo-se como torcidas ativistas. Tais atores defendem causas diversas relacionadas aos variados conflitos mencionados anteriormente. Estruturam grupos informais, organizações e redes para agir coletivamente na defesa de tais causas. Assim, desafiam as diversas instituições ligadas ao futebol - como o Estado, as federações e clubes de futebol e as próprias torcidas - e, em muitos casos, também se envolvem em conflitos que não estão estritamente circunscritos ao esporte.

Por fim, exploramos como a compatibilização entre pertencimento clubístico e defesa de causas contenciosas pode dar origem a tensões e conflitos entre torcidas. Por um lado, as rivalidades clubísticas podem obstaculizar a construção de alianças entre torcidas ativistas e, por outro, a defesa de causas pode dar origem a conflitos entre torcidas ativistas e outros perfis de torcidas organizadas de um mesmo clube.

Ainda que neste artigo tenhamos nos baseado em uma revisão não sistemática da literatura e em evidências de uma pesquisa ainda em estágio exploratório, acreditamos que as evidências por nós levantadas indicam a relevância do fenômeno do ativismo no futebol e das torcidas ativistas. Contudo, certamente pesquisas que empreguem métodos mais sistemáticos e que investiguem a fundo os diferentes atores que mapeamos aqui são necessárias para que possamos construir um panorama mais complexo acerca das táticas mobilizadas por esses atores, de suas identidades, dos dilemas e conflitos por eles vivenciados, bem como de seus impactos dentro e fora de campo.

REFERÊNCIAS

ABERS, R. Ativismo na Burocracia? O médio escalão do Programa Bolsa Verde. In: CAVALCANTE, P.; LOTTA, G. **Burocracia de médio escalão: perfil, trajetória e atuação**. Brasília: Enap, p. 143-175, 2015.

ABERS, R. Bureaucratic Activism: pursuing environmentalism inside Brazilian State. **Latin American Politics and Society**, v. 61, n. 2, p. 21-44, 2019.

ABERS, R. **Ativismo institucional: criatividade e luta na burocracia brasileira**. Editora UnB, 2021.

ABERS, R.; SILVA, M. K.; TATAGIBA, L. Em nome de Deus: os ativismos evangélicos progressistas. In: TATAGIBA, L. *et al.* (org.). **Participação e Ativismos: entre retrocessos e resistências**. Porto Alegre: Zouk, p. 157-182, 2022.

ALVITO, M. Maçaranduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil. **Tempo**, v. 19, p. 81-94, 2013.

BANDEIRA, G. A. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010.

BANDEIRA, G. A. **Garra, força e bravura: representações de futebol gaúcho campeão da América**. 2012.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Memórias da Coligay e o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 310-326, 2019.

BRAY, M. **Antifa: o manual antifascista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

CAYRES, D. C. Ativismo institucional e interações estado-movimentos sociais. **BIB**, n. 82, p. 81-104, 2017.

CUCA NÃO AGUENTA PRESSÃO e pede demissão do Corinthians. **R7**, São Paulo, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://esportes.r7.com/futebol/cuca-nao-aguenta-pressao-e-pede-demissao-do-corinthians-27042023#/foto/1>

CURI, M.; DE DRUMMOND ALVES JUNIOR, E.; ALVES DE MELO, I.; ROJO, L. F.; TERRA FERREIRA, M. A.; CAMPANERUTI DE SILVA, R. Observatório do torcedor: o estatuto. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 1, p. 25-40, 2008.

DAMO, A. S. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. **Revista Gênero**, v. 7, n. 2, p. 135-150, 2007.

DAMO, A. S. Paixão partilhada e participativa—o caso do futebol. **História: Questões & Debates**, v. 57, n. 2, 2012.

DAMO, A. Das palavras e dos palavrões—um olhar antropológico sobre formas de sociabilidade e construções narrativas nos estádios de futebol. **Sociabilidades Urbanas Revista de Antropologia e Sociologia**, v. 1, p. 81-100, 2017.

DELLA PORTA, D.; CHIRONI, D. Movements in Parties: OccupyPD. **Partecipazione e Conflitto**, v. 8, n. 1, p. 59-96, 2015.

DIANI, M. The concept of social movement. **The sociological review**, v. 40, n. 1, p. 1-25, 1992.

DOS REIS, H. H. B.; LOPES, F. T. P.; MARTINS, M. Z. Políticas públicas voltadas para atletas e torcedores de futebol: argumentos para dissidentes. **Motrivivência**, v. 26, n. 42, p. 115-130, 2014.

FEITOSA, C. **Movimento LGBTI+ e Partidos Políticos**: a institucionalização partidária da diversidade sexual e de gênero no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília. Brasília, 2022.

GASTALDO, É. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. **Horizontes antropológicos**, v. 11, p. 107-123, 2005.

GASTALDO, É. Arquibancada Cotidiana: jogos, sociabilidade e interação entre torcedores de futebol no Brasil. **Logos**, v. 23, n. 1, 2016.

KATZENSTEIN, M. F. Feminism within American Institutions: Unobtrusive Mobilization in the 1980s. **Signs**, v.16, n.1, p.27-54, 1990.

LOPES, F. T. P.; HOLLANDA, B. B. B. "Ódio eterno ao futebol moderno": poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, v. 24, p. 206-232, 2018.

MEZZADRI, F. M.; PRESTES, S. E. C.; CAPRARO, A. M.; CAVICHIOLLI, F. R., MARCHI JÚNIOR, W. As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 03, p. 407-416, 2011.

OLIVEIRA, M. S. Movimentos Sociais em Interação com Partidos Políticos: a experiência do movimento ambientalista com o Partido dos Trabalhadores. **Opinião Pública**, v. 27, n. 2, p. 585-622, 2021.

OLIVEIRA JÚNIOR, R. C. G. **A reviravolta dos "fanáticos"**: arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional. 2017.

PEREIRA, M. M. Ativismo Institucional no Poder Legislativo: confrontos políticos, assessores ativistas e frentes parlamentares. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 31, p. 201-338, 2020.

PEREIRA, M. M. Movimentos Sociais, Partidos Políticos e Políticas Públicas. **Novos Estudos**, v. 41, n. 3, p. 467-486, 2023.

PINHEIRO, C. L. M. O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas. **Locus: Revista de História**, v. 27, n. 1, p. 338-364, 2021.

PINTO, M. R.; ALMEIDA, M. B. As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 2, p. 105-116, 2014.

REIS, H. H. B. O Espetáculo Futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 21, n. 3, p. 111-130, 2010.

SANTOS, I. S. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. **Esporte e Sociedade**, n. 27, 2021.

SOARES, A. R.; ZAGO, L. F. Páginas das torcidas organizadas antifascistas no Facebook: política, futebol e comunicação. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM)*. [S. l.: s. n.], 2018. p. 1-13.

SOUZA, F. Atos de torcidas contra Bolsonaro: o que levou as organizadas às ruas contra o presidente durante a pandemia. **BBC News Brasil**, São Paulo, 02 jun. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52899944>

SOUZA, M. A. Gênero e Raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. **Cadernos Pagu**, v. 6-7, p. 109-152, 1996.

SZWAKO, J. E. L.; SOUZA, R. Balbúrdia? Sobre anti-intelectualismo e ativismo científico no Brasil contemporâneo. *In: TATAGIBA, L. et al. (org.). Participação e Ativismos: entre retrocessos e resistências*. Porto Alegre: Zouk, p. 183-206, 2022.

TORCEDORAS DO CORINTHIANS protestam contra Cuca na sede do clube. **R7**, São Paulo, 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/torcedoras-do-corinthians-protestam-contra-cuca-na-sede-do-clube/>

TORCIDAS ORGANIZADAS e caravanas furam bloqueios nas estradas do Brasil. **GZH**, Porto Alegre, 01 nov. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/brasileirao/noticia/2022/11/torcidas-organizadas-e-caravanas-furam-bloqueios-nas-estradas-do-brasil-cl9yhez8f005h01g7ju8qmhuh.html>.

VIEIRA, J. J. Considerações sobre Preconceito e Discriminação Racial no Futebol Brasileiro. **Teoria e Pesquisa**, v. 42 e 43, p. 221-244, 2003.

VON BÜLOW, M.; GOBBI, D.; DIAS, T. O Conceito de Ativismo Digital: uma agenda para além das fronteiras entre sistema político e sociedade civil. *In: TATAGIBA, L. et al. (org.). Participação e Ativismos: entre retrocessos e resistências*. Porto Alegre: Zouk, p. 307-325, 2022.

ZANOLI, V. "Mais ativista do que gestora": Ativismo institucional no campo do movimento LGBT em Campinas. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, p. 495-517, 2019.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Gostaríamos de agradecer às pareceristas anônimas da revista Teoria & Pesquisa, cujos comentários muito contribuíram para a qualificação deste artigo.

Financiamento: A presente pesquisa não recebeu financiamento de quaisquer instituições.

Conflitos de interesse: Não identificamos nenhum tipo de conflito de interesses relativo à presente publicação.

Aprovação ética: A pesquisa não passou pela análise de comitês de ética, mas respeitou procedimentos éticos ligados à realização das entrevistas, como o esclarecimento dos propósitos da pesquisa e dos usos a serem feitos dos materiais aos informantes, bem como a anonimização dos dados.

Disponibilidade de dados e material: Os textos utilizados na revisão da literatura são de acesso público. A base de dados construída a partir do levantamento de torcidas ativistas nas mídias sociais pode ser fornecida a interessadas e interessados por meio de solicitação aos autores. As entrevistas não estão disponíveis para acesso de terceiros com vistas à manutenção do anonimato e dos acordos firmados junto a informantes da investigação.

Contribuições dos autores: Gerson de Lima Oliveira e Matheus Mazzilli Pereira realizaram a coleta de dados qualitativos (entrevistas). Gerson de Lima Oliveira, Matheus Mazzilli Pereira e Eduardo Georjão Fernandes realizaram os procedimentos para a revisão de literatura (extração, leitura e sistematização de textos), o levantamento de dados junto às redes sociais, a análise dos dados e a redação do artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

